

SINGULARIDADES DE DUAS EDIÇÕES CRÍTICAS DE TEXTOS LITERÁRIOS DO SÉCULO XIX

SINGULARITIES OF TWO CRITICAL EDITIONS OF LITERARY TEXTS FROM THE NINETEENTH CENTURY

Ceila Maria FERREIRA¹

RESUMO: Neste artigo, vamos nos deter em singularidades da preparação, ainda em curso, de duas edições críticas que estamos realizando, agora na etapa de conclusão de ambas: a de *Papéis Avulsos*, coletânea de contos de Machado de Assis, e a das narrativas de viagem de Eça de Queirós. A primeira é uma edição crítica de obra em que os manuscritos autógrafos não chegaram até nós ou estão desaparecidos e a segunda é uma edição crítica, com viés genético, em que manuscritos autógrafos autorais foram preservados. Contudo, ambas as obras foram publicadas – a segunda, apenas algumas breves passagens em nova versão – em periódicos.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Textual. Edição Crítica. Machado de Assis. Eça de Queirós.

ABSTRACT: This article focuses on the singularities of the preparation – still underway – of two critical editions being produced by the authors, which are now at their final stages: *Papéis Avulsos*, a collection of short stories by Machado de Assis, and a volume of travel narratives by Eça de Queirós. The former is a critical edition of a work whose manuscripts have either disappeared or have not been retrieved, while the latter is a critical edition of a genetic bent, in that the author's manuscripts have been preserved. Nonetheless, both works were published in periodicals, albeit just a few short passages of the latter in a new version.

KEYWORDS: Criticism Textual. Critical Edition. Machado de Assis. Eça de Queirós.

Introdução

Ainda neste ano de 2020, estão em processo de preparação a edição crítica de *Papéis Avulsos*, coletânea de contos de Machado de Assis, e a edição crítica, com viés genético, das narrativas de viagem de Eça de Queirós.

Esperamos, neste novo ano, concluir ambas as edições e o trabalho que ora apresentamos pretende expor e explicar, para o público leitor, algumas das singularidades dessas duas realizações².

1. Professora Doutora de Crítica Textual lotada no Departamento de Ciências da Linguagem do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: ceilamaria@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0859-0127>. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq.

2. Utilizamos a palavra singularidade no sentido de particularidade, mas preferimos aqui a primeira para fazermos alusão ao título de um dos contos escritos por Eça de Queirós: "Singularidades de uma rapariga loira".

Tanto a edição crítica de *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis, como a das narrativas de viagem de Eça de Queirós irão levar ao público textos que contribuem para o exercício de “escovarmos a história a contrapelo”, na acepção dada a essa expressão por Walter Benjamin em *Sobre o conceito da história* (BENJAMIN, 2012, p. 245)³.

Pretendemos também contribuir para a divulgação da Crítica Textual e para a ampliação da ideia que uma edição de uma obra do passado longínquo ou recente deve conter uma introdução com a explicitação dos critérios de sua realização, além de ser a Crítica Textual fundamental para a preservação e divulgação do patrimônio cultural em forma de texto escrito e também ser uma das formas de “escovarmos a história a contrapelo”, inclusive, questionando o cânone literário e ampliando a abrangência dos estudos literários que durante muito tempo, sobre a óptica do Estruturalismo, procuraram se desvencilhar do que chamamos de Filologia/Crítica Textual. Hoje, cada vez mais a Filologia/Crítica Textual se faz presente na forma também da Crítica Textual Moderna, a que trabalha com obra com originais. Vamos, então, às singularidades da edição crítica de *Papéis avulsos* e da edição crítica, com viés genético, das narrativas de viagem de Eça de Queirós.

Sobre as edições de *Papéis Avulsos* e das narrativas de viagem de Eça de Queirós

Em *Papéis Avulsos*, no conto “O Alienista”, há críticas ao autoritarismo, ao escravismo, à corrupção, às elites que governam conforme suas conveniências.

Nas narrativas de viagem de Eça de Queirós, então com 23 para 24 anos, podemos ler descrições de paisagens do Líbano belíssimas, além de elas serem apresentadas por alguém que se indigna diante de injustiças.

Tais contribuições, como as chamamos aqui, na “Introdução” deste artigo, serão examinadas pela editora crítica a partir da leitura de textos autorais e de textos que formam a tradição que conseguimos reunir a partir do exercício da etapa da *recensio*⁴, assim como da leitura já realizada de *Sobre o conceito da História*, de Walter Benjamin, traduzido por Sergio Paulo Rouanet, e também por meio da leitura que faremos de uma nova tradução desse texto, realizada por Adalberto Müller (UFF), com prefácio de Márcio Seligman (UNICAMP). Contudo, tal tradução ainda não foi publicada. Tivemos notícia acerca dela por meio de nosso colega da UFF, que traduz o texto de Ben-

3. Entendemos “escovar a história a contrapelo”, no sentido dado a tal expressão por Walter Benjamin, como o trabalho de trazer ao conhecimento de um público mais amplo, dar visibilidade à história dos vencidos, ao que foi relegado, pelas classes dominantes, ao esquecimento.

4. Etapa de preparação de uma edição crítica, mais especificamente, a etapa de levantamento, de pesquisa da tradição direta (manuscritos, edições impressas, eletrônicas da obra objeto de edição) e da tradição indireta (traduções, alusões, citações da obra objeto de edição).

jamin. E fazemos questão de citar o nome das universidades públicas neste trabalho, pois, nestes tempos em que vivemos, é preciso, como disse Brecht, defender o óbvio, e defender as universidades públicas deveria ser uma ação mais do que usual e corrente pelo trabalho que elas fazem à sociedade. Defender a Crítica Textual também, porém, infelizmente, poucos sabem o que ela significa. Mas artigos como este e publicações como esta *Revista* não se eximem da responsabilidade de divulgá-la.

Voltando ao que chamamos de contribuições, as duas edições que estamos preparando também terão um capítulo de comentários explicativos. A de *Papéis Avulsos*, um pouco mais extenso. Todavia, ambas as edições trarão introduções em que tais contribuições ou o exercício de escovar a história a contrapelo serão comentadas e, algumas delas, assinaladas com exemplos retirados dos textos por nós cotejados na etapa da *collatio*⁵.

Vale ressaltar que a edição de *Papéis Avulsos* procura destacar o posicionamento crítico, contido na maioria dos doze contos, acerca de questões que nos afligem ainda hoje, no Brasil, como a do autoritarismo, da exclusão social e do racismo.

A das narrativas de viagem de Eça de Queirós irá nos aproximar de um Oriente significativamente diferente do que estamos habituadas e habituados a ver nos telejornais.

Além disso, a própria constituição de aparatos de variantes, dependendo de suas características, irá também contribuir para “escovarmos a história a contrapelo”. No caso das edições que estamos preparando, os aparatos trarão à luz informações de edições que já estão distantes no tempo dos leitores e das leitoras da atualidade. Para a edição crítica de *Papéis Avulsos*, estamos cotejando, com o texto crítico, publicações, em periódicos, dos doze contos que formam a referida coletânea e que foram publicados em vida de Machado de Assis no período que vai de 1875 a 1882. Também estamos cotejando as edições de 1937, 1944, 1957, 1997, 2011 e a de possivelmente 1920, esta última saída pela Garnier, todas elas com o texto crítico que tem como base a edição publicada em formato livro, em 1882, pela Lombaerts & Companhia. O aparato resultante desse cotejo será um aparato negativo, pois apresentará, em cada um dos lemas, informações retiradas das edições que exibirem variantes em relação à passagem ali tratada. Outrossim, não devemos esquecer que a informação destacada do texto crítico aparecerá do lado esquerdo de um colchete e as informações retiradas das edições cotejadas, à direita. Ademais, a informação retirada do texto crítico estará com a grafia atualizada, porém o trecho das edições que foram e que forem cotejadas com o texto crítico estarão com a grafia preservada tal qual a grafia de suas edições de origem. Como exemplo do aparato crítico da edição crítica de *Papéis Avulsos*, destacamos o se-

5. Etapa de preparação de uma edição crítica que, muito resumidamente, é a da comparação das edições com o testemunho ou exemplar escolhido para base da edição ou com o texto crítico, no caso de edições críticas de obras com originais.

guinte: “Página I, Linhas 11-12: Direi somente, que se] C: *Direi simplesmente que se* ; D: Direi simplesmente que, se ; E: Direi simplesmente que, se ; F: Direi simplesmente que, se ; G: *Direi somente, que se* ; H: Direi somente que se”.

Como já dissemos, a informação à esquerda do colchete é a que se encontra no texto crítico. As informações das demais edições vêm antecedidas de letras maiúsculas que as nomearão: C, a de possivelmente 1920; D, 1937; E, 1944; F, 1957; G, 1997 e H, 2011.

Vale ressaltar que as informações sobre constituição ao aparato crítico e acerca da preparação da edição estarão presentes no capítulo intitulado “Introdução”. Tal capítulo terá subcapítulos referentes aos 12 contos que formam *Papéis Avulsos*.

Sobre a edição das narrativas de viagens de Eça de Queirós, pretendemos que ela apresente uma leitura crítica do manuscrito das narrativas, isto é, terá como base o texto do manuscrito autógrafo de Eça de Queirós que se encontra na Seção de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa. A transcrição crítica atualizada do manuscrito terá a grafia atualizada conforme o acordo ortográfico vigente hoje nos países seus signatários. Porém, tal edição trará, nos anexos, os textos das narrativas de viagem publicados no Jornal *Diário de Notícias*, em 1870-1871; na edição de 1926, com grafia atualizada, acompanhada de aparato crítico de variantes colhidas do cotejo da edição de 1926 com a de 1958. Ou seja, o público leitor terá acesso a campanhas de escrita dessa obra queirosiana. Contudo, nem todas essas campanhas de escrita são autorais, como podemos verificar por meio do estudo da história da transmissão do texto da edição de 1926 das narrativas de viagem, cujo título, *O Egipto*, não é autoral. Tal edição, como já dissemos, em nossas aulas de Crítica Textual/Ecdótica I, disciplina obrigatória a todos os cursos de Letras da UFF, assim como em artigos, pode ser considerada semiapócrifa, pois parte de seu texto não é de Eça de Queirós, autor de romances como *Os Maias* e *O Crime do Padre Amaro*, por exemplo, e sim de seu filho mais velho também chamado José Maria d’Eça de Queiroz. Já as partes das narrativas de viagem conhecidas como “Palestina” e “Alta Síria” foram publicadas, em 1966, também pela Lello & Irmão, mas, dessa vez, o texto saiu sob a responsabilidade da filha primogênita do escritor, Maria d’Eça de Queiroz. Ambas as edições, aqui citadas, das narrativas de viagem de Eça de Queirós foram publicadas com introduções que falam sobre parte do contexto de escrita daquelas narrativas e trazem algumas informações de seus processos de preparação. Ambas são de agradabilíssima leitura e constarão da edição crítica de viés genético que estamos preparando. Todavia, tanto a edição de 1926 (*O Egipto*. Notas de viagem) quanto a de 1966 (*Folhas Soltas*) não apresentam, na sua integralidade, o texto escrito nas cadernetas de viagem e nos chamados linguados ou longas folhas soltas escritos por Eça de Queirós.

Como disse Ivo Castro em *Editar Pessoa* (1990, p. 7) no trecho já citado por nós na “Introdução” da edição crítica de *Recordações do escrivão Isaias Caminha* (2017, p. 94)

a respeito de indagações que “toda a edição tem o dever de se explicar” (CASTRO, 1990, p. 7). São elas, conforme o Coordenador da prestigiosa Equipe Fernando Pessoa:

Antes de mais, a questão de sua necessidade, que se resolve pela crítica da tradição impressa antecedente: o texto, tal como está editado correntemente, não satisfaz as exigências mínimas de uma mensagem transmitida sem ruído interferente? Depois, a questão da viabilidade de uma edição melhor: existem manuscritos ou dados documentais novos, cuja utilização permita alterar a edição, tornando-a um reflexo mais fiel das intenções que tinha o autor, ao escrever o seu texto? Ou – questões metodológicas – existe maneiras mais rigorosas e produtivas de utilizar os manuscritos já conhecidos, com vistas a atingir o mesmo objetivo? Finalmente, questões teóricas: quais os valores em que cremos, quais os princípios que nos devem guiar na busca e na defesa desses valores, qual o quadro disciplinar em que essas atividades se devem com vantagem desenvolver? (CASTRO, 1990, p. 7).

Assim como fizemos na edição, saída pela EDUSP, do primeiro romance publicado por Lima Barreto, faremos, aqui, acerca das edições críticas, que estamos preparando no momento, pois, para nós, tais perguntas de Ivo Castro são de fundamental pertinência para toda e qualquer edição, ainda mais para uma edição preparada sob os critérios da Crítica Textual. Além disso, o enfrentamento dessas questões irá ajudar-nos na organização dos trabalhos de edição que ora realizamos, assim como na tarefa de trazer ao público leitor deste artigo características das edições que estamos construindo.

Sobre a edição das narrativas de viagem de Eça de Queirós, ela faz parte do projeto de Edição das Obras de Eça de Queirós, coordenado por Carlos Reis, catedrático da Universidade de Coimbra e um dos maiores especialistas da obra do autor de *A relíquia* e tantos outros romances.

Tal edição se faz necessária pois não há, até o momento, uma edição crítica das narrativas de viagem de Eça de Queirós. Ademais, algumas das edições das citadas narrativas que se encontram disponíveis para leitura, na atualidade, têm como base as edições de 1926 e de 1966 que apresentam graves problemas de transmissão textual. Ou seja: “ruído interferente”, como disse Ivo Castro na citação.

Para darmos um pequeno exemplo desses “ruídos”, citamos uma passagem retirada da edição crítica, com viés genético, ainda inédita, das narrativas de viagem, que tem como base o manuscrito autógrafa de Eça de Queirós, da parte conhecida, por meio da tradição impressa, como “Egypto”, mas que não recebeu esse título de seu autor. Vejamos: “[...] **O infinito mar**, sereno/ e escuro, sem trevas, mar/ belamente escuro, tremia/ sobre o grande raio lumi/noso da lua, como os antigos/ animais sob as carícias dos/ profetas.” As barras indicam mudança de linha no manuscrito e a segunda ocorrência da palavra **mar** é de leitura duvidosa, pois, pode também ser **mas**, o que estará assinalado no aparato crítico da edição que sairá pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Portugal.

Na edição de 1926, aqui, com a grafia atualizada por nós, lemos: “[...] **O mar infundável**, sereno, sem trevas, **mas** belamente escuro, tremia sob o grande raio luminoso da lua como os antigos animais sob a carícia dos profetas”.

Como podemos verificar, há divergências de leitura entre a edição que estamos preparando e a de 1926. Contudo, na cópia digitalizada do manuscrito autógrafo de Eça de Queirós, podemos claramente ler: “O infinito mar”. A leitura **as carícias**, apresentada na edição ainda em preparação, é duvidosa, mas esperamos resolver tal indagação na viagem que faremos a Portugal, para consultar o manuscrito das narrativas de viagem. Também, na edição de 1926, não há comentário de dúvida acerca da leitura do segundo mar/mas contido na passagem que destacamos. Porém, o editor teve acesso ao manuscrito autógrafo, o que pode ter facilitado a leitura.

Numa outra edição impressa do que ficou conhecido, pela tradição impressa, como *O Egipto*, a de 1958, saída pela Lello & Irmão, lemos: “[...] **O mar infundável**, sereno, sem trevas, **mas** belamente escuro, tremia sob o grande raio luminoso da Lua, como os antigos animais sob a carícia dos profetas (1958, p. 681). Tal passagem da edição de 1958 praticamente repete a de 1926. Dizemos praticamente, porque a palavra lua ali aparece com inicial maiúscula, ao contrário do que está impresso na edição de 1926.

Pelo exemplo que destacamos, podemos perceber que tanto a edição de 1926 quanto a edição de 1958, ambas publicadas pela Lello & Irmão, apresentam ruídos que interferem na transmissão do texto escrito por Eça de Queirós. Também devemos salientar que a maior parte das narrativas de viagem do autor de *O Primo Basílio* não foi publicada enquanto Eça vivia. As narrativas, a maior parte delas, ficaram inéditas e começaram a ter, a partir do 26º ano de falecimento do autor, edições que podemos chamar de póstumas⁶.

Acerca do aparato crítico da edição das narrativas, ele trará informações sobre a edição, sobre as edições cotejadas, comentários explicativos que julgarmos essenciais, assim como informações sobre rasuras e emendas realizadas no manuscrito pelo autor e algumas interferências possivelmente da lavra do filho do escritor. Segue um exemplo:

¹ [Na edição de 1926, após a introdução assinada por José Maria d’Eça de Queirós, tem início um capítulo intitulado: A Caminho do Oriente. Esse título não aparece no manuscrito autógrafo nem o manuscrito tem, nessa altura, a disposição em capítulos].

[Cadiz: Grafada em espanhol].

² [No manuscrito autógrafo, após Africana, referência à ópera “Aída,” há uma vírgula. Nesta edição, ela foi retirada].

6. Em *A construção da narrativa queirosiana*. O Espólio de Eça de Queirós, Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro chamam atenção para a importância de distinguirmos póstumos de inéditos. Nem sempre tais estatutos são “sobreponíveis” (REIS/MILHEIRO, 1989, p. 22-23). No caso das narrativas de viagem, são, na maior parte delas.

³ [A leitura da palavra desolação é proveniente da lição contida na edição de 1926].

⁴ [Antes da palavra imbecis, há, no manuscrito autógrafo, uma vírgula, pois havia outra palavra – provavelmente devoradores – que foi riscada pelo autor. Tal palavra, no manuscrito autógrafo, encontra-se entre seus e imbecis].

⁵ [Após rectas, no ms., há uma rasura].

⁶ [No ms: arabe,]

No caso de *Papéis avulsos*, não tivemos acesso, pelo menos até o momento, a manuscritos autógrafos autorais, mas a edições publicadas em vida de Machado de Assis: as edições dos 12 contos (“O alienista”, “Teoria do medalhão”, “A chinela turca”, “Na arca”, “D. Benedicta”, “O segredo do bonzo”, “O anel de Polícrates”, “O empréstimo”, “A sereníssima república”, “O espelho”, “Uma visita de Alcibíades” e “Verba testamentária”), em periódicos, de 1875 a 1882, e a de 1882, em livro.

Vale destacar que ainda não foi publicada uma edição crítica de *Papéis Avulsos*, o que já justifica nosso trabalho, mas já foram publicadas edições que tiveram como base a edição de 1882 de *Papéis Avulsos*, única, dessa coletânea, saída em vida de Machado de Assis. Então, por que ainda há necessidade de uma edição crítica de *Papéis Avulsos*? Porque uma edição crítica, além de ser um estudo exaustivo da história da transmissão da obra, é um espaço, no caso de obras com originais, em que podemos observar mudanças feitas pelo autor no texto, assim como mudanças que foram efetuadas por terceiros e ao longo do processo de transmissão daquela obra. É um estudo que abrange a investigação da gênese, da transmissão, da recepção da obra e de seu contexto de produção, de transmissão e de recepção. Além disso, uma edição crítica apresenta seus critérios de preparação ao público leitor o que também é salutar para a formação de leitoras e de leitores mais críticos e ciosos de seus direitos, como também de seus deveres.

Em relação a *Papéis Avulsos*, por meio da leitura do aparato crítico de variantes, as leitoras e os leitores terão acesso a mudanças, muito provavelmente, realizadas, naquela obra, pelo próprio Machado de Assis, como a que podemos verificar na seguinte passagem da referida coletânea de contos: “Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.” (ASSIS, 1882, p. 1-2)⁷. Anteriormente, no *Jornal Illustrado A Estação* de 15 de outubro de 1881, tal passagem foi publicada assim: “Dito isto, metteu-se em Itaguahy, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da sciencia, alternando os livros com as molesticas, e demonstrando os theoremas com cataplasmas” (ASSIS, 1881, p. 231)⁸.

Também, por meio da leitura do aparato de variantes, teremos acesso a mudanças realizadas por terceiros e tal distinção estará assinalada em nossa edição.

7. A grafia do trecho foi atualizada por nós.

8. A grafia do trecho foi mantida tal qual a que consta no *Jornal Illustrado A Estação*.

Acerca de *Papéis Avulsos*, outra questão importante é que edições como a de 2011, saída pela Peguin/Companhia das Letras, não manteve algumas peculiaridades do texto machadiano como o uso de doudo por doido, que aparentemente é um mero detalhe. Contudo, há, no conto “O Alienista”, a aproximação dos vocábulos doutor e doudo, que não é nada gratuita, se formos examinar um trecho do próprio texto da edição crítica que tem como base o da edição de 1882 do referido conto: uma fala do Padre Lopes para a esposa do doutor Simão Bacamarte, D. Evarista da Costa e Mascarenhas. Vamos ao trecho: “– Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo.” Ou seja: há uma apropriação de um dito popular que sugere ou afirma que muito estudo vira o juízo, numa aproximação com a situação de dúvida e de desconfiança que o público leitor experimenta acerca do juízo de Simão Bacamarte. A forma doudo está mais próxima da forma doutor, inclusive em sua musicalidade que é fundamental num texto literário.

Nossa edição irá manter as ocorrências da forma doudo no texto de “O Alienista”, pois acreditamos que se trata de um casamento praticamente perfeito entre forma e conteúdo, pois, no nosso entender, é um índice da possibilidade da loucura do Dr. Simão Bacamarte.

Como exemplo do uso da forma doudo, na edição de 1882 de *Papéis Avulsos*, vejamos o seguinte exemplo:

Dali foi à câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doudos pobres (ASSIS, 1882, p. 5)⁹.

Considerações Finais

Voltando às perguntas feitas por Ivo Castro, citadas aqui neste artigo, a segunda delas, sobre a viabilidade de se fazer, hoje, uma edição melhor, acreditamos que sim e é este um dos propósitos que nos movem, pois temos acesso a textos originais, além de trabalharmos com teoria e metodologia da Crítica Textual Moderna, baseada nos trabalhos da Comissão Machado de Assis, da Equipe Eça de Queirós e da Equipa Pessoa, o que responde à terceira questão.

Em relação à quarta e última pergunta de Ivo Castro (1990, p. 7), mencionada neste trabalho – “[...]quais os valores em que cremos, quais os princípios que nos devem guiar na busca e na defesa desses valores, qual o quadro disciplinar em que essas

9. A grafia do trecho acima foi atualizada por nós, mas mantivemos a forma doudo que, inclusive, pode ser encontrada em Dicionários como o *Houaiss*.

atividades se devem com vantagem desenvolver?” – acreditamos que numa conjuntura como a que vivemos, atualmente, em nosso país, em que há ataques à saúde e à educação públicas, além de à vida humana, a divulgação da Crítica Textual e de edições críticas irá contribuir e muito para a formação de pessoas mais críticas e mais propensas ao exercício da cidadania.

A concretização de edições críticas de textos literários que têm inegavelmente viés engajado – tanto a de *Papéis Avulsos* quanto a das narrativas de viagem possuem tal viés – nos auxilia na tarefa que acredito ser de toda e de todo intelectual que estudou e que trabalha numa universidade pública: a de escovar a história a contrapelo, que também é amplificada com a valorização e divulgação da Crítica Textual que contribui, sobremaneira, para que vejamos, hoje, Machado de Assis e Eça de Queirós como escritores que escreveram textos cada vez mais atuais e de leitura mais do que necessária, nestes tempos sombrios, como *Papéis Avulsos* e as citadas narrativas de viagem do autor de *A relíquia*.

Referências

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. “O Alienista”. *Jornal Illustrado A Estação*, Rio de Janeiro, 15 out 1881, p. 231.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, [1920?].
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre, 1944.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. Obras Completas de Machado de Assis. Rio de Janeiro/São Paulo/ Porto Alegre: W. M. Jackson, 1957.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S. A., 1997.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. São Paulo: PeguinClassics/Companhia das Letras, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. 8 ed. revista. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 241-252.
- CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- QUEIROZ, José Maria Eça de. *O Egipto*. Notas de viagem. Porto: Lello & Irmão, 1926.
- QUEIROZ, José Maria Eça de. *O Egipto*. Notas de Viagem. Obras de Eça de Queiroz. Porto: Lello & Irmão, 1958.
- QUEIROZ, José Maria Eça de. *Folhas Soltas*. Porto: Lello & Irmão, 1966.
- REIS, Carlos; MILHEIRO, Maria do Rosário. *A construção da narrativa queirosiana*. O espólio de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.